

# RESENHA 1

Resenhado por Gregório F. Dantas<sup>1</sup>

Machado de Assis: homem subterrâneo. BUNGART NETO, Paulo. *A flor amarela, solitária e mórbida da introspecção*: a obra crítica de Augusto Meyer sobre Machado de Assis. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2012.

Augusto Meyer (1902 – 1970) foi um dos mais importantes comentadores da obra de Machado de Assis. Nascido no Rio Grande do Sul, viveu grande parte de sua vida no Rio de Janeiro; foi membro da Academia Brasileira de Letras, diretor do Instituto Nacional do Livro (onde organizou, em 1939, uma célebre exposição sobre Machado) e um escritor prolífico como poucos: foi memorialista, folclorista, poeta e, sobretudo, crítico literário. Como memorialista, cultivou um intenso lirismo, aliado a traços impressionistas na composição de cenas da infância; como estudioso do folclore, elaborou um detalhado levantamento bibliográfico e temático sobre as tradições gaúchas; como poeta, conciliou temas regionalistas com certa atitude modernista, apreendida sobretudo através de intensa correspondência com autores como Mário de Andrade e Guilherme de Almeida; e, finalmente, como crítico literário, desenvolveu uma série de estudos relevantes sobre autores de sua eleição — Flaubert, Dostoiévski, Proust, Camões e, sobretudo, Machado de Assis.

Alguns de seus artigos mais importantes, como “O homem subterrâneo” (1935), são merecidamente lembrados nos panoramas da fortuna crítica machadiana. Para Antonio Candido, entre os comentadores da obra de Machado na década de 30, “avulta sem dúvida Augusto Meyer, que, inspirado na obra de Dostoiévski e na de Pirandello”, mostrou-nos que em seus textos “havia muito do ‘homem subterrâneo’ do primeiro, e do ser múltiplo, impalpável, do segundo” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 98). Para Otto Maria Carpaux, Meyer foi o responsável por inaugurar uma nova fase na crítica machadiana, mais moderna que a de seus contemporâneos, o que lhe garante a estatura de “palmeira-real” em meio à paisagem devastada da “floresta das letras nacionais” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 98).

De modo que Meyer, seguramente, possui seu lugar na história da crítica literária brasileira. Raros, porém, são os estudos de fôlego sobre sua obra crítica. Daí a relevância de *A flor amarela, solitária e mórbida da introspecção – a obra crítica de Augusto Meyer sobre Machado de Assis*, de Paulo Bungart Neto. Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS e professor adjunto da UFGD, Bungart começou a estudar a obra de Meyer ainda na graduação da Unicamp, nos idos dos anos 90. O então projeto de iniciação científica se desdobrou em uma dissertação de mestrado defendida na Unesp, campus de Assis, em 2002, e premiada pela ANPOLL como a melhor dissertação na área de Letras no Brasil entre 2002 e 2007. Desse projeto resultou *A flor amarela, solitária e mórbida da introspecção*, volume publicado agora pela editora da UFMS.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor; Adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Nota-se, logo de saída, o rigor e o volume da pesquisa de Paulo Bungart. Ainda que o objeto principal do seu estudo seja a obra de Meyer sobre Machado, Bungart estabelece importantes etapas intermediárias: após traçar um perfil biográfico e intelectual de Augusto Meyer, o pesquisador discorre sobre a crítica machadiana, o que é importante não apenas para contextualizar a obra de Meyer, mas para dimensionar sua relevância dentro da vastíssima fortuna crítica sobre o autor de *Dom Casmurro*. E, de certo modo, debater a fortuna crítica da obra de Machado é debater a história da crítica brasileira.

Poucos escritores obtiveram ainda em vida o reconhecimento alcançado por Machado de Assis. Por ocasião de sua morte, em 1908, ele já era considerado o maior escritor brasileiro. O discurso que Rui Barbosa proferira no enterro, publicado na *Gazeta de notícias*, foi apenas a primeira de uma série de homenagens públicas que se seguiram à morte de Machado, assinadas por personalidades como Olavo Bilac e Euclides da Cunha. Há quem tenha visto nessa repercussão um descabido exagero, um fenômeno de culto à personalidade que refletia o provincianismo cultural carioca. O fato é que, entre simpatizantes e detratores da primeira geração de críticos de Machado de Assis, havia um traço em comum: a supervalorização do homem, em relação ao estudo da obra.

Graça Aranha, por exemplo, valoriza o “heroísmo” daquele que superou as dificuldades de suas origens para se tornar o grande vulto das letras brasileiras: “É um doloroso e belo poema o da elaboração do gênio neste obscuro heroísmo” de quem se “liberta” de sua classe para se “aristocratizar”, não sem esconder certa “melancolia da luta”. E continua, não sem demonstrar certo preconceito de classe: “mas a amargura da vida é nobre, é o desencanto do civilizado e não o rancor do escravo e o destempero do selvagem” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 54-5). Outros, como Sílvio Romero, que acusava Machado de imitar seus modelos de maneira artificiosa e afetada, e de não valorizar a tradição nacionalista de nossa literatura, chegava a fazer referência às idiossincrasias físicas do autor: “o estilo de Machado de Assis (...) é a fotografia exata de seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. (...) Vê-se que ele apalpa e atropela, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da fala” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 58-9). A referência pouco velada à gagueira de Machado demonstra o caráter pessoal do debate. Reza a lenda que Machado, a exemplo do Conselheiro Aires, era avesso a controvérsias, e preferia ignorar os ataques para se aproximar de seus entusiastas, como José Veríssimo, e cultivar o espaço de “cavalheiros” em que se tornaria a Academia Brasileira de Letras.

Após a morte de Machado de Assis, a abordagem biográfica da obra deu o tom dos estudos de Alfredo Pujol, Afrânio Peixoto e Lúcia Miguel Pereira. Para esses autores, suas narrativas eram, para usar as palavras de Peixoto, “decifrações da vida e dos casos íntimos da alma ou do coração” do autor (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 77). Ainda que haja algo de simplista nesta visão, e ainda que, em seus maus momentos, ela dê azo a excessos como o tom laudatório de Pujol, estudos como o de Lúcia Miguel Pereira possuem inegável importância na consolidação de um cânone crítico sobre Machado de Assis. Ela haveria, porém, de ser superada. O estudo do *humour* machadiano, desenvolvido por Alcides Maya ainda

em 1912 (e anterior, portanto, às conferências proferidas por Alfredo Pujol entre 1915 e 1917), já indicava uma linhagem crítica divergente da crítica biográfica. Segundo Afrânio Coutinho, tratava-se de se interpretar a obra “em si mesma, nos seus elementos estruturais, temáticos, estilísticos e ideológicos, nas influências literárias e filosóficas, na sua técnica, nas ideias estéticas” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 84).

Nesse contexto, *Machado de Assis* (1935), de Augusto Meyer, foi recebido com entusiasmo. Destaca-se nesse volume o ensaio “O homem subterrâneo” que, segundo Bungart, compõe o *leitmotiv* do livro. Meyer propõe uma comparação até então insuspeita entre Machado e Dostoiévski, deixando de lado as aproximações entre Machado de Assis e Laurence Sterne ou Xavier de Maistre — dois precursores da “forma livre” assumida na introdução às *Memórias póstumas de Brás Cubas* — para propor uma leitura mais introspectiva do texto machadiano. Para Meyer, a forma livre indicava um movimento formal contínuo, mas superficial, na medida em que disfarçava uma “terrível estabilidade”, de uma “profunda gravidade”, que era o reflexo de uma “letargia indefinível, a sonolência do homem trancado em si mesmo, espectador de si mesmo, incapaz de reagir contra o espetáculo da sua vontade paralisada, gozando até com lucidez a própria agonia” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 188-9). Tal gravidade, oriunda de um homem (Brás Cubas, mas por extensão, Machado) “engaiolado na auto-destruição do seu niilismo”, possui uma inegável correspondência no personagem das *Memórias do subsolo* de Dostoiévski, Ordinov. Brás e Ordinov, ainda que por motivos diferentes, estão isolados da sociedade, abandonados a um estado de “inércia consciente”; na verdade, sua contínua reflexão demonstra um excesso de consciência, dolorosa, mas incontornável.

Apesar do brilhantismo e originalidade dessa leitura, há que se relativizar determinadas opiniões de Augusto Meyer. Como a discutível assertiva de que o personagem mais interessante da obra de Machado de Assis seria o próprio autor, declaração que comprova a dificuldade de se romper totalmente com alguns trejeitos da crítica de cunho biográfico. Segundo Meyer, Machado não teria conseguido “criar uma personagem que nos dê a ilusão da vida individual, sem cordas de fantoche e intervenções do autor”, na medida em que “as personagens dele se movem como fantasmas num ambiente irrespirável de pura análise”, o que faz delas “sombras sem relevo, perseguidas impunemente pela perfídia das entrelinhas” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 103). Ora, é curioso que Meyer reserve para Machado uma crítica semelhante à que este havia direcionado a Eça de Queirós, naquele célebre artigo sobre *O primo Basílio*. Enquanto Machado creditava às fórmulas viciadas do naturalismo o fato de os personagens de Eça serem “títeres”, Meyer parece responsabilizar em Machado as intervenções — “perfidias”, “piruetas”, “malabarismos” — da voz narrativa por se sobreporem à construção dos personagens e da intriga. Por certo ele tem alguma razão: um dos riscos da metaficção é o excesso de virtuosismo, de demonstração de habilidade e controle sobre a narrativa por parte de seu autor (risco que seria assumido por muitos autores ditos pós-modernos), o que pode reduzir um romance a um exercício estilístico inócuo ou a um comentário sobre ficção, deixando a própria ficção de lado. Mas seguramente esse não é o mal de que sofrem Bento Santiago, Capitu, Brás Cubas, Sofia ou Rubião.

É preciso, porém, compreender o julgamento de Augusto Meyer como um desdobramento da noção de que o homem se esconde (ou se revela) por trás da obra. Segundo Bungart, *Machado de Assis* tornou-se um marco da “etapa psicológica” da fortuna crítica machadiana “justamente por tentar surpreender o autor sob a ‘máscara’ do personagem, acreditando que aquele se revelará através das confissões (conscientes ou inconscientes) deste” (BUNGART NETO, 2012, p. 196). Tal postura crítica possibilita a Meyer analisar, por exemplo, a personalidade de Machado com os termos usados para com Jacobina, em “O espelho”. Ou seja, a ficção explicaria o homem.

Ainda que relativamente datada, a obra crítica de Meyer continua profundamente relevante aos estudos machadianos. Segundo Roberto Schwarz, apesar do envelhecimento de seu “quadro teórico”, os ensaios de Meyer mantêm um “poder de revelação notável”, o que “ilustra a independência relativa entre conceituações adotadas e, do outro lado, a percepção literária e a capacidade de expressá-la” (*apud* BUNGART NETO, 2012, p. 267).

Além disso, sua vasta produção crítica possui nuances e desdobramentos que seriam impossíveis de serem recolhidos no espaço desta resenha, mas que fazem do estudo rigoroso de Paulo Bungart uma consulta essencial para os estudiosos de Machado de Assis e da história da crítica literária brasileira.